

AQUARELAS*

II O PARASITA

Sabem de uma certa erva que desdenha a terra para enroscar-se, identificar-se com as altas árvores? É a parasita.

Ora, a sociedade que tem mais de uma afinidade com as florestas, não podia deixar de ter em si uma porção, ainda que pequena, da parasita. Pois tem, e tão perfeita, tão igual, que nem mesmo mudou de nome.

É uma longa e curiosa família a dos parasitas sociais; e fora difícil assinalar na estreita esfera das aquarelas – uma relação¹ sinóptica² das diferentes variedades do tipo. Antes sobre a torre, agarro apenas na passagem as mais salientes e não vou mergulhar-me no fundo e em todos os recantos do oceano social.

Há, como disse, diferentes espécies de parasitas.

O mais vulgar e mais conhecido é o da mesa,³ mas há-os também em literatura, em política, e na igreja. É praga antiga, e raça cuja origem se prende à noite dos tempos, como diria qualquer historiador *en herbe*.⁴ Da Índia, essa avó das nações, como diz um escritor moderno,⁵ são poucas as noções a respeito; e não posso marcar aqui com precisão o desenvolvimento⁶ dessa casta curiosa no velho país. Em Roma, onde lemos como num livro, já Horácio, comia as sopas de Mecenas, e banqueteara alegremente no

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: ESP (n. 3, p. 1-2, 18 set. 1859), GUAR (ano I, n. 37, p. 3-4, 13 dez. 1871) e ESP2009 (p. 41-44). Na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, a coleção de *O Guarany* (GUAR) só está disponível até o n. 37 – razão pela qual este é o último texto das “Aquarelas” nesse periódico que utilizamos em nossas edições. J. Galante de Sousa não registra essas publicações – “Os fanqueiros literários” e “O parasita” – nesse periódico. Texto-base: ESP. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos, José Américo Miranda, João Vítor Freitas, Beatriz Lúcia da Silva.

¹ aquarelas – uma relação] aquarelas uma relação – em ESP2009.

² sinóptica] sinótica – em ESP2009.

³ e mais conhecido é o da mesa,] e mais conhecida é a da mesa, – GUAR; e o mais conhecido é o da mesa; – em ESP2009.

⁴ *en herbe*: aprendiz.

⁵ Não identificamos o autor mencionado por Machado de Assis.

⁶ desenvolvimento] desenvolvi- (final de linha) – em GUAR.

triclinium.⁷ É verdade que lhe pagava em longa poesia, mas, nesse tempo, como ainda hoje, a poesia não era ouro em pó, e este é a grande estrofe de todos os tempos.

Mas, tréguas à história.

Tenho aqui como alvo esboçar em traços ligeiros as formas mais proeminentes da individualidade; entremos pois no estudo – sem mais preâmbulo.

Devo começar pelo parasita da mesa, o mais vulgar? Há talvez pouco a dizer – mas esse pouco mesmo revela altamente os traços arrojados desta fisionomia social.

Debalde se procuraria conhecer as regiões mais adaptadas à economia vital deste animal perigoso. Inútil. Ele vive por toda parte⁸ em que há ambiente de porco assado.

Também é aí onde ele desenvolve melhor todas as suas faculdades; – onde se sente à *son aise*,⁹ como diria qualquer babel encadernado¹⁰ em paletó de inverno.

Perfeito parasita deve ser perfeito gastrônomo; mesmo quando não goze essa qualidade por vocação do berço, é um resultado da prática, pela razão de que o *uso do cachimbo faz a boca torta*.

Assim, o parasita jubilado, o bom parasita, está muito acima dos outros animais. Olfato delicado adivinha a duas léguas de distância a qualidade de um bom prato; paladar susceptível¹¹ – sabe absorver com todas as regras da arte¹² – e não educa o seu estômago como qualquer aldeão.

E como não ser assim, se ele não tem outro cuidado nesta vida? e se os limites da mesa redonda são os horizontes de¹³ suas aspirações?

É curioso vê-lo na mesa, mas não menos curioso é vê-lo nas horas que precedem às sessões gastronômicas. Entra em uma casa ou por costume ou *per accidens*,¹⁴ o que aqui quer dizer intenção formada com todas as circunstâncias agravantes de premeditação, e superioridade de armas. Mas suponhamos que vai a uma casa por costume.

Ei-lo que entra, riso nos lábios, chapéu na mão, o vácuo no estômago. O dono da casa a quem já fatiga aquela visita diária saúda-o constrangido e com um riso amarelo. Mas isso não é decepção; tão pouco não desarma um bravo daquela ordem. Senta-se e começa a relatar notícias do dia, entremeadas de algumas de própria lavra,¹⁵ e curiosas –

⁷ *Triclinium*: leitos dispostos em roda da mesa – costume romano. (Cf. SARAIVA, 2006, p. 1223)

⁸ toda parte] toda a parte – em GUAR.

⁹ à *son aise*,] a *son aise*, – em ESP2009. Expressão francesa: “à vontade”.

¹⁰ babel encadernado] babel encadernada – ESP2009 (com registro da variante de ESP – “encadernado” – no rodapé). O substantivo “babel” está empregado figuradamente no sentido de “indivíduo que fala diversas línguas”.

¹¹ susceptível] suscetível – em ESP2009.

¹² da arte] de arte – em ESP2009.

¹³ de] das – em ESP2009.

¹⁴ *per accidens*: por acaso (expressão latina).

¹⁵ lavra,] lavra – em GUAR.

a atrair a afeição vacilante do hóspede.¹⁶ Daqui um criado que vem dar o sinal de combate.¹⁷ É o alvo a que visava¹⁸ o alarve, e ei-lo que vai imediatamente pagar-se de uma tarefa de almanaque, tão custosamente exercida.

Se porém ele entra *per accidens* – não é menos curiosa a cena. Começa por um pretexto que deve lisonjear as pessoas da casa conforme os seus fracos. Assim, se há aí um autor dramático¹⁹ o pretexto é dar um parabém sobre a última peça representada dias²⁰ antes. Sobre este molde tudo o mais.

Se às vezes não há um pretexto sério, não trepida ainda o parasita; há sempre um de lado, como substitutivo: *saber da saúde do amigo*.

Mas, entra ele; dado o pretexto, senta-se e começa a desenrolar toda a retórica que pode inspirar um estômago vazio, um Jeremias interno.²¹ Segue-se depois, pouco mais ou menos, a mesma cena. No fim está sempre como orla de horizonte uma mesa mais ou menos apetitosa, onde a reação se opera largamente.

Há, porém, pequenas desgraças, acidentes inesperados na vida do parasita da mesa.

Entra ele em uma casa onde espera almoçar folgado;²² – faz as primeiras saudações e vai corar a pílula ao seu caro hóspede. Um certo ranger de dentes; porém,²³ começa a agitá-lo, um ranger particular que indica um estado mais calmo aos estômagos da casa.

– Então como vai? Sinto que chegasse agora, se mais cedo viesse almoçava comigo.

O parasita fica de cara à banda,²⁴ mas não há remédio; é necessário sair com decência e não dar a entender – o fim que o levou ali.

Estas eventualidades, estas pequenas misérias, longe de serem decepções, são como o cheiro da pólvora inimiga para os soldados, um incentivo na ação. É uma índole miserável a desse corpo leviano em que só há animalidade e estômago; mas, entretanto é necessário aceitar essas criaturas tais como são – para aceitarmos a sociedade como ela é.²⁵ A sociedade não é um grupo de que uma parte devora a outra? Eterno antagonismo das condições humanas!

¹⁶ hóspede: dono da casa, hospedeiro. Antônio Houaiss (2001, p. 1553) registra esse sentido como obsoleto.

¹⁷ de combate] do combate – em GUAR.

¹⁸ visava] visa – em GUAR.

¹⁹ dramático] dramático, – em GUAR.

²⁰ dias] dia – em GUAR.

²¹ Jeremias: profeta bíblico. A referência parece associar-se à ideia de lamentação – As “Lamentações”, na Bíblia, vêm logo em seguida às obras do profeta. Massaud Moisés comenta que o nome do profeta “deu origem a palavras como jeremiar e jeremias”. (MOISÉS, 1967, p. 17, nota de rodapé)

²² folgado;] folgado: – em GUAR.

²³ dentes; porém,] dentes, porém – em GUAR; dentes, porém, – em ESP2009.

²⁴ Ficar de cara à banda: ficar envergonhado. (NASCENTES, 1966, p. 60)

²⁵ a sociedade como ela é.] a sociedade tal como ela é. – em ESP2009.

O parasita da mesa, uniformiza o exterior com a importância do hóspede; um cargo elevado pede uma luva de pelica, e um botim de polimento. À mesa não há ninguém mais atencioso; – e como um conviva alegre, aduba os guisados com punhados de sal mais ou menos saboroso.

É uma retribuição razoável – dar de comer ao espírito de quem lhe dá comer ao corpo.

Aqui não há desaire, há uma troca recíproca que prova que o parasita tem susceptibilidades²⁶ em alto grau.

Estes traços, mais ou menos exatos, mais ou menos distintos, dão aqui uma pequena ideia do parasita da mesa; mas esta variedade do tipo é absorvida por outras de uma importância mais alta.²⁷ Aqui é o parasita do corpo, os outros são os do espírito e da consciência; – aqui são os epicuristas à custa alheia,²⁸ os outros são as nulidades intelectuais que se agarram à²⁹ primeira tela de propriedades suculentas que lhe vai ao encontro.

São imperceptíveis talvez estes lineamentos – e acusam a aceleração do pincel; passemos às outras variedades do tipo onde achamos formas mais amplas e proeminências mais distintas.

M–as.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

ESP – *O Espelho*.

ESP2009 – *O Espelho*, 2009.

GUAR – *O Guarany*.

Referências

ASSIS, Machado de. Aquarelas II. O parasita. *O Espelho*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 1-2, 18 set. 1859.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/700037/per700037_1859_00003.pdf>.

ASSIS, Machado de. Aquarelas II. O parasita. *O Guarany*, Rio de Janeiro, ano I, n. 37, p. 3-4, 13 dez. 1871. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=748390&pagfis=291>>.

²⁶ susceptibilidades] suscetibilidades – em ESP2009.

²⁷ alta.] alta, – em GUAR.

²⁸ alheia.] alheia. – em GUAR.

²⁹ à] a – em ESP e em GUAR.

ASSIS, Machado de. *Crônicas, crítica, poesia, teatro*. Organização, introdução, revisão de texto e notas de Massaud Moisés. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*: revista semanal de literatura, modas, indústria e artes. Ed. fac-similar. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*. Organização, introdução e notas: João Roberto Faria. Campinas: Unicamp, 2009.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino*.
Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MOISÉS, Massaud. Ver ASSIS, 1967.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 12. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2006.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.